

A viagem do aprendizado

O México é o vizinho latino-americano mais distante geograficamente do Brasil, e, no entanto, o mais próximo em contrastes sociais e econômicos.

A crise econômica que vive hoje o país do norte poderia ser um prenúncio das consequências de um fracasso do Plano Real. O presidente Fernando Henrique poderá se aprofundar nas causas da crise mexicana e tentar atuar para que suas expectativas não sejam destruídas.

Mas a viagem não tem só intenções de aprendizagem. Também pretende ampliar a presença do Brasil num país que sempre esteve muito distante de seus vizinhos, entretido em evitar ser devorado por seu vizinho próximo e tentando obter o melhor dessa proximidade.

O presidente viaja mais como acadêmico que como político. Como tal terá possibilidades de estreitar laços que poderão ser úteis para os dois países.

O México é um dos países da América Latina que mais conquistas teve nas últimas décadas na área educativa. O analfabetismo diminuiu 12% nos últimos vinte anos e a abrangência de matrículas da educação básica é uma das maiores da região.

Em termos de educação superior, o México possui mais universidades do que o Brasil, e se aqui há mais universidades públicas que no México, lá são todas financiadas pelo governo federal.

Em ambos os países, os professores universitários reclamam dos baixos salários, embora os efeitos do modelo neoliberal tenham sido muito mais

fortes para os acadêmicos mexicanos.

O governo do ex-presidente Carlos Salinas optou por deixar que as universidades vivessem seu próprio processo de diferenciação, outorgando recursos — quantias consideráveis — àquelas instituições que considerava eficientes e produtivas.

As consequências foram que, enquanto algumas universidades conseguiram ampliar suas perspectivas, outras estancaram.

Esta seria uma das lições que o presidente poderia trazer ao Brasil: no México, as instituições que têm maiores possibilidades de se consolidar obtiveram recursos. Foi instituída a “bolsa de produtividade acadêmica” — é uma remuneração extra para os docentes que demonstrem ter produzido academicamente no ano anterior.

Paralelamente, foi estabelecido o Sistema Nacional de Pesquisadores, onde os cientistas produtivos obtêm recursos.

É verdade que este procedimento não beneficiou a todos, pois produz uma competição exasperada na procura de espaços de publicação.

No entanto, é uma boa experiência, que premia os que são mais produtivos. Tomara que, enquanto ensina como não se deixar enganar pelos capitais estrangeiros voláteis, o presidente-sociólogo aprenda como estimular a ciência e a tecnologia, mesmo que seja nos padrões neoliberais.

■ Virgilio Álvarez Aragón é pesquisador associado da Faculdade de Educação da UnB.